

EDITORIAL

COMEMORANDO VIRGÍLIO
NO BIMILENÁRIO DA SUA MORTE

Dedicar um número de CLASSICA a Virgílio não precisa de justificação particular. Não é ele o mais clássico de todos os clássicos, consagrado, ainda em vida, pela Escola, e mantido, ao longo dos séculos, como guia orientador na busca da sabedoria-ciência, ao mesmo tempo que celebrado como padrão da arte de bem dizer?

Consagrar, porém, este número a Virgílio no ano do bimilenário da sua morte representa também, e necessariamente, um gesto ritual. Intencionalmente repristinador e re-inaugurador. Reconhecendo o tempo e a distância que nos separam do nome titular, mas também valorizando a proximidade que o seu texto gera e prolonga. Confrontando e integrando a pequena experiência do dia a dia na longa duração do seu meditar sobre o tempo. Congraçando a consciência das *vicissitudines* da roda da Fortuna com a capacidade de manter o sentido contemplativo da vida. Valorizando o *labor improbus*, mas apostando igualmente na ventura do *otium* restaurador. Alargando os horizontes pela vasta família humana de uma ecumenicidade dilatada, mas respeitando as diversidades específicas e consentindo o exercício criador das elites geradoras de confiança para o viver colectivo.

Seria tanto mais fácil invocar a imagem do patrono tutelar quanto se têm perdido no horizonte as diversas paternidades nas quais o Ocidente se foi revendo narcisisticamente até acabar no discurso vazio de uma morte que o não é. Porém, da *Vita Vergiliana Donatiana* fica-nos a silhueta de um homem que nas ruas da Cidade procura esquivar-se às

lisonjas sempre fáceis perante o gênio. Nem ele se apresta para subir a encosta do Capitólio, nem é uma figura larvar que possa servir para exconjurар terrores.

Mas entre o saborear dos *flumina nota* e a utopia da *restitutio in integrum* há uma proposta de unidade pacificadora, que nunca será demais acolher.

Todavia (e os contrapontos sucedem-se, sem que organicamente os tenhamos previsto), quem lê Virgílio, hoje? Como o lê?

Dois factos nos chamaram mais proximamente a atenção. Por um lado, a afluência numerosa de visitas à Exposição Virgiliana que no fim de Novembro e por todo o mês de Dezembro esteve patente na Biblioteca Nacional de Lisboa. Canalizou-se para ela o que iconograficamente e bibliograficamente de melhor se encontrou de traços virgilianos entre nós. Foi um complemento útil e necessário do Congresso em que participaram individualidades de várias Universidades portuguesas e estrangeiras. Não repetiremos aqui as referências elogiosas feitas pela imprensa. Constatemos que valeu a pena o esforço dispendido.

Em sentido inverso, vemos publicar-se uma versão da Eneida, em português, traduzida "da versão francesa". Louvemo-nos na honestidade do editor que não escondeu a verdade. Quisemos saber quais os motivos que levaram a essa solução quando outras eram possíveis. Obtenhamos ou não a resposta, o facto mesmo da sua existência é sintomático e obriga-nos a pensar. Será um dia possível fazer compreender que uma das funções da Universidade é garantir a qualidade dos textos postos a circular, quando eles fazem parte de um património que não é lícito malbaratar? O nosso campo editorial tem sido fértil ultimamente em escândalos deste jaez. Bem nos poderiam ter poupado a mais este. Sobravam exemplos melhores nesse domínio. E uma iniciativa desse género deve pressupor uma releitura de Virgílio.

A. N.